

# Arqueologia História

Volume nº 58|59 - 2006|2007

Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses

In Memoriam

Teresa Gamito  
João José Fernandes  
Gomes



# Inscrição, na escrita do Sudoeste, do Vale de Águia São Bartolomeu de Messines, Silves

Mário Varela Gomes\*  
Luís Miguel Cabrita\*\*

## Descoberta

Nos finais da década de vinte ou nos inícios dos anos trinta, da passada centúria, o Sr. Jacinto Martins pôs a descoberto, durante lavra para a sementeira de cereais, a lápide objecto da presente nota, onde reconheceu a existência de restos de letras e, por isso, a conservou.

O pesado monólito ficou então encostado a muro de delimitação da propriedade onde foi exumado, até que na década de oitenta, o filho daquele, o Sr. António Guerreiro Martins levou-o para sua casa, no sítio do Cai Logo, em São Bartolomeu de Messines, situado a cerca de 1 Km para sul do local do achado.

A inscrição haveria de ser, por ele, oferecida ao Museu Municipal de Arqueologia de Silves, nos finais de 2007, onde um de nós (M.V.G.), a fotografou e decalcou em Março de 2008, tendo em vista o seu estudo e divulgação no meio científico. Todavia, ela foi dada a conhecer por H. Sauren (2008) ao 5º Encontro de Arqueologia do Algarve, realizado em Silves, no mês de Outubro de 2007.

O autor anteriormente referido não ofereceu levantamento credível da epígrafe, nem das características do seu suporte, não tendo sido capaz de reconhecer correctamente as letras ali conservadas. A leitura e decifração que apresenta não tem, quanto a nós, ligação com a realidade arqueológica e cultural que contextualizam este tipo de testemunhos.

O local do achado foi reconhecido por um dos autores da presente nota (L.M.C.), ali encontrando restos de construções e designadamente de sepulturas, talvez correspondendo à necrópole de onde provém a lápide, aspecto que ambos voltaríamos, mais tarde, a confirmar.

\* Membro da Academia Portuguesa da História e da Academia Nacional de Belas-Artes. Docente do Departamento de História da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da U.N.L. (Av. de Berna, 26-C, 1069-061 Lisboa, mv.gomes@fch.unl.pt).

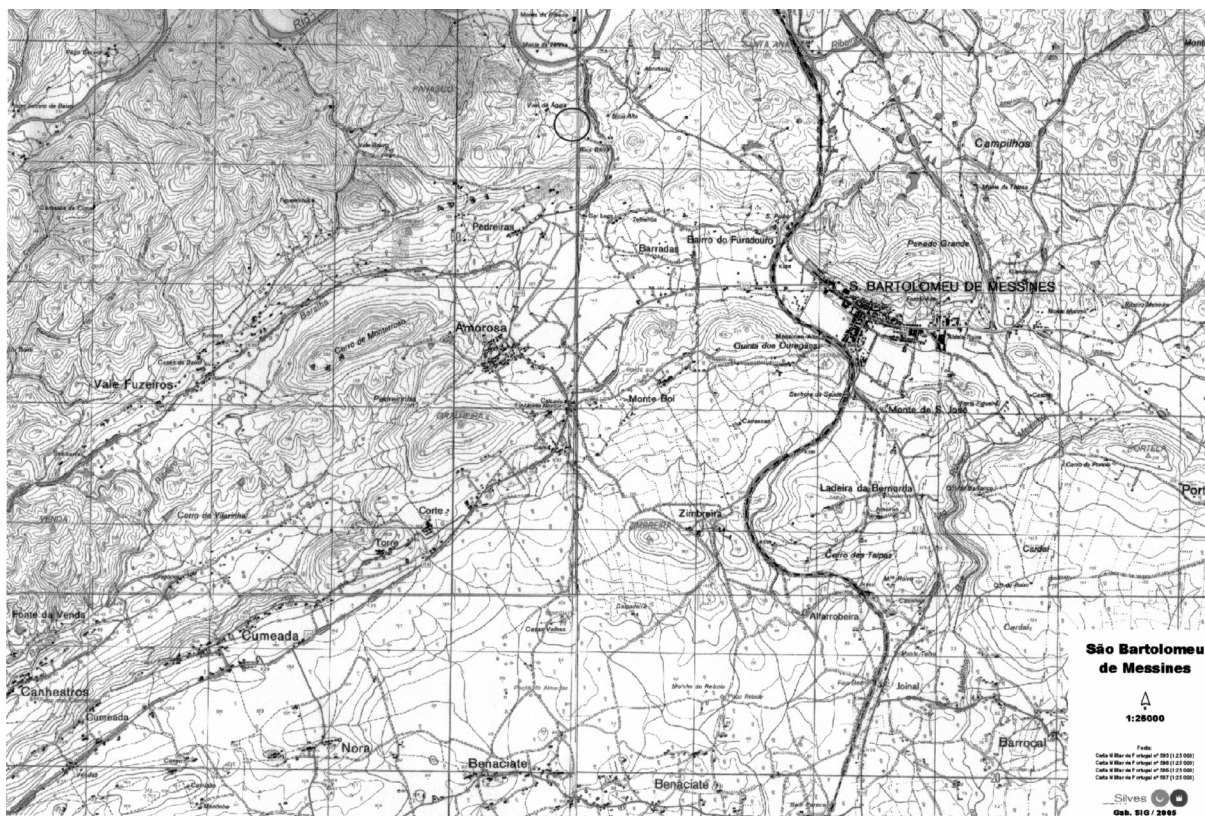
\*\* Mestre em Arqueologia, pela F.C.S.H. da U.N.L. Técnico-Superior da Divisão de Cultura, Turismo e Património, da Câmara Municipal de Silves (miguel.cabrita@cm-silves.pt).

## Localização

O denominado Vale de Águia integra zona, situada a sul do rio Arade, 2 Km a norte da povoação da Amorosa, a 1 Km para nascente do v.g. Panasco e 2,5 Km para noroeste de São Bartolomeu de Messines.

O local onde foi encontrada a inscrição, corresponde a pequena elevação, atingindo 136 m de cota, localizando-se a 200 m para norte das casas do monte do Vale de Águia.

Aquele pertence à freguesia de São Bartolomeu de Messines, ao concelho de Silves e ao distrito de Faro. As coordenadas geodésicas aproximadas são: 8<sup>o</sup> 18' 50'' de longitude Oeste de Greenwich e 37<sup>o</sup> 16' 15'' de latitude norte (seg. a C.M.P., n.º586, Amorosa, à esc. 1:25.000, S.C.E.P., 1979).



Local do achado da epígrafe do Vale de Águia (seg. a C.M.P., n.ºs 586 e 587, S.C.E.P., 1979).



Estela do Vale de Águia (São Bartolomeu de Messines).  
Foto M. V. Gomes, RII /08-4.

## A inscrição

Tem como suporte bloco, de forma sub-paralelepipedica, rudemente talhado, dado sobretudo aproveitar linhas de clivagem, de arenito vermelho, conhecido comumente como grés de Silves. A cerca de 500 m do lugar do achado deste monólito, localizam-se afloramentos de grés vermelho de onde, certamente, ele provém.

A superfície epigrafada apresenta alguns sinais de regularização, através de boiardagem e de polimento.

Mede 0,775 m de altura, sensivelmente a meio, 0,825 m de largura, no volume distal e 0,25 m de espessura máxima.

Ao centro da área mesial e distal, do anverso, reco-

nhecem-se partes de duas cartelas, definidas por linhas incisadas, uma delas, a maior, parcialmente amputada devido a fractura do suporte, desenvolvendo-se em arco e encontrando-se a menor, ao centro do espaço definido por aquela, disposta na vertical.

A zona que se conserva da cartela mais extensa mede de 0,58 m de comprimento e 0,095 m a 0,11 m de largura, enquanto a cartela mais curta oferece 0,20 m de comprimento e largura que varia de 0,06 m a 0,10 m.

Apenas a cartela maior conserva inscrição, onde se identificam nove letras completas e parte de seis, dado as profundas fracturas que danificaram tanto a extremidade distal, como parte do bordo direito ou, ainda, os volumes mesial e proximal do monólito.

Além das nove letras que consideramos completas, é possível restituir, entre as incompletas e com um mínimo de segurança, apenas três.

A disposição da maioria das letras completas permite avaliar tratar-se de texto com orientação sinistrorsa, ou seja escrito da direita para a esquerda.

O texto identificado é o seguinte, quando colocado no sentido dextrorso, com partes das palavras restituídas e com as letras transcritas para o alfabeto latino: ... KO ?[E] [AR]SEO SARONA[O]

A primeira letra é um *kapa*, com as barras oblíquas unidas e separadas da barra vertical, aspecto já conhecido em outras inscrições do Sudoeste Peninsular. O seu valor fonético é o do *k* ou *c* latinos.

As segunda, nona e décima terceira letras são *omicrons*, de dimensões médias e com o valor fonético do *o* latino.

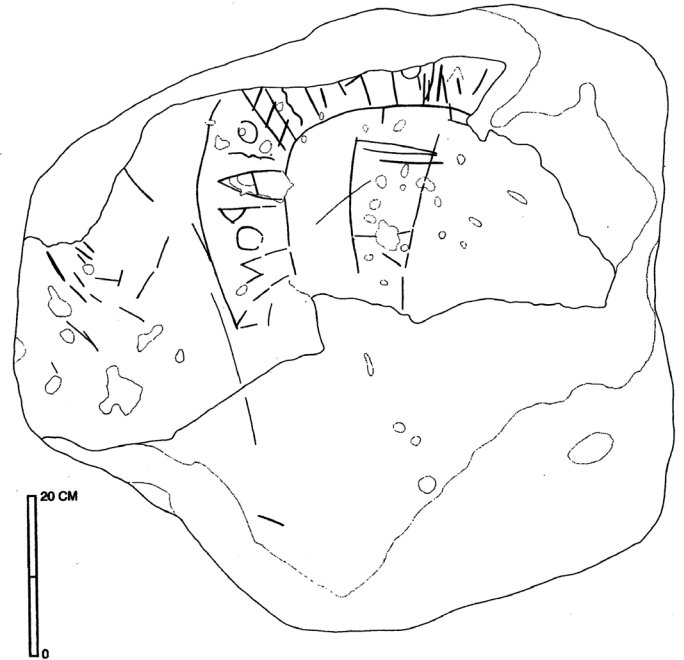
Não foi possível determinar, com um mínimo de certeza, a terceira letra.

A quarta letra pode corresponder a *épsilon*, com as barras oblíquas, constituindo forma registada na escrita do Sudoeste e com o valor do *e* latino.

A quinta e sexta letras, podem ser restituídas como correspondendo, respectivamente, a *alfa* e a *rho*; com maior probabilidade a primeira daquelas.

As sétima e décima letras são *sigmas*, ambos com seis curvas e com o valor do *s* latino.

A oitava letra é a vogal aspirada *heta*. Trata-se, muito possivelmente, da letra que, no alfabeto do Sudoeste



Levantamento da epígrafe do Vale de Águia (seg. M. V. Gomes).

Peninsular, maior número de variantes apresenta. A forma observada é afim da do rectângulo com barra central, conhecida no alfabeto arcaico de Tera, mas também na Ática e em diferentes outros pontos da Grécia Central ou no Norte do Peloponeso, sendo substituída, no século VI a.C., pela forma em H (Jeffery, 1961, p. 28).

A décima primeira letra é um *alfa*, com a barra quase horizontal, o que pode sugerir forma mais recente que quando aquela apresenta a barra bem oblíqua. Tem o valor fonético do *a* latino.

A décima segunda letra é um *rho*, com a parte superior triangular e com o som do *r* latino.



Texto da estela do Vale da Águia (seg. M. V. Gomes).



Pormenor da inscrição (foto M. V. Gomes, RII/08-2).

A décima quarta letra é claramente um *nu*, com o valor do *n* latino.

Por fim, a décima quinta letra, apenas esboçada, deve corresponder a *alfa*, a que se associaria um *oméga*, assim completando palavra bem conhecida, existente em mais de 50% das epígrafes da I Idade do Ferro do Sudoeste Peninsular.

Entre a cartela epigrafada e o bordo do lado esquerdo do suporte observam-se alguns traços incisivos, filiformes ou abertos por abrasão e fusiformes.

### Comentário

O monumento que temos vindo a referir é o único, por ora, entre todas as inscrições funerárias da I Idade do Ferro, que não corresponde a uma verdadeira estela. De facto, conforme descrevemos, trata-se de bloco natural, lajiforme, dado não apresentar afeiçoamento, nem contorno subrectangular ou trapezoidal, aspectos típicos das estelas. A cartela não ocupa, como é normal, toda a área mesial e distal do anverso do monólito. Não obstante, ele terá sido implantado verticalmente no solo, mostrando o volume proximal anepígrafo.

A inscrição, devidamente inserida em cartela, que parece de forma subcircular, ocupa o centro das superfícies mesial e distal do anverso, deixando áreas laterais em reserva, conforme acima referimos. E é, ainda, interessante notarmos que a largura do monólito é algo superior à altura, ajudando a proporcionar o ineditismo desta forma de lápide, para o que também contribui a sua assinalável espessura.

O mau estado da epígrafe deixou reconhecer quinze letras, completas ou fragmentadas, constituindo fórmula funerária, cuja terminação é muito comum em monumentos congéneres.

As primeiras quatro letras correspondem a palavra indeterminada, a que se sucede outra onde se contam cinco letras (*Arseo*), talvez um etnónimo menor, que podemos aproximar de *uarsan*, presente nas estelas da Cerca do Curralão, Penedo e Arzil, de *uarsaneo* na de Nobres, *uarsano* em Benaciate II, *uarsaio*, em Alcoutim, *uarsanu*, na de Dobra e, igualmente, de *uarsatir* em Fonte Velha III, *arsario*, em Mestras e, apenas, *arsa* em Tavilhão I. *Arseo* sugere genitivo, que pode traduzir-se por “dos Arsanos”.

À última palavra, por demais conhecida, falta-lhe o *oméga* e lê-se *saronao*, antecedendo, em geral, o etnónimo maior ou originónimo *Koni*, *Konii*, *Konoi*, tal como outras variantes, em genitivo do plural.

*Saronao* e as suas variantes *sarosanao* e *saroso*, deve derivar de palavra acádica ou hitita (*sérum*), significando planície, campo ou deserto e onde terá origem a denominação sertão. É bem conhecida a evolução ou vocalização de *e* para *a*, obtendo-se *sarum* e *saro*, a que se adicionou o sufixo *-nao*, significando posse, pelo que *saronao* deve traduzir-se como “do território.”

Dadas as dimensões que calculamos ter tido, primitivamente, a epígrafe, a fórmula funerária seria constituída por antropónimo, ou nome próprio, patronímico, etnónimo menor e etnónimo maior (NP+P+Em+EM) e a sua tradução seria: “fulano, filho de sicrano, dos Arsanos, do território da Cónia.”

A forma cursiva do *kapa* e dos *sigmas*, o *alfa* com a barra quase horizontal e o *heta* com barra central, conduz a atribuímos cronologia tardia à epígrafe, no contexto de I Idade do Ferro do Sudoeste Peninsular, ou seja na segunda metade do século VII a.C. ou na primeira metade da centúria seguinte.

Os autores pretendem, oportunamente, escavar a área de onde provém a estela e os restos de sepulturas ali patententes.

Importa referir que esta nova necrópole da I Idade do Ferro, com estela epigrafada, se situa a pouco mais de 5 Km para norte da necrópole de Benaciate, quase a igual distância, mas para noroeste, da necrópole da Portela (São Bartolomeu de Messines) e a, apenas, 1 Km, na direcção sudeste, da necrópole de Passadeiras, arqueossítios onde se detectaram vestígios de sepulturas e de inscrições do mesmo tipo.

### Bibliografia

Beirão, C. M. de M., 1986, *Une Civilizacion Protohistorique du Sud du Portugal (1<sup>er</sup> Âge du Fer)*, Éditions de Boccard, 162 pp., 52 figs, VI quadros, 12 mapas, XV ests, Paris.

Jeffery, L. H., 1961, *The Local Scripts of Archaic Greece. A Study of the Origin of the Greek Alphabet and its Development from the Eight to the Fifth Centuries B.C.*, Oxford Monographs on Classical Archaeology, Oxford University Press, 416 pp., 72 ests, 1 quadro, Oxford.

Sauren, H., 2008, Vale de Águia, S. B. Messines, *Xelb*, vol. 8 (II), pp. 53-58.



**Associação dos Arqueólogos Portugueses**

